



GUAIRACÁ REVISTA DE FILOSOFIA

NIETZSCHE E A GAIA CIÊNCIA: O PRELÚDIO DE UMA FILOSOFIA TRÁGICA

JOÃO VITOR GOMES MARTINS¹
AUGUSTO BACH²

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo verificar as determinações que compreendem a construção de uma filosofia trágica na obra de Nietzsche a partir de sua obra *A Gaia Ciência*, publicada em 1882. Para tanto, nos desdobraremos em sua crítica às figuras emblemáticas da tradição: ao conceito de consciência, à metafísica e ao conhecimento sob um viés científico. Deste modo, entre outras questões, verificaremos sob quais circunstâncias após sua crítica à tradição, Nietzsche apresenta a possibilidade de um novo modo de compreender o saber; ao assumir a ciência próxima à arte que fecunda seu novo estilo de forma de expressão, culminando na elaboração de uma filosofia trágica.

Palavras-chave: Nietzsche. Ciência. Arte. Trágico. Vida

Nietzsche and the Gay Science: the prelude of a tragic philosophy

1. Licenciado em Filosofia pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). E-mail: joaozitomaldito@gmail.com

2. Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos. Professor adjunto da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). E-mail: augustobach@yahoo.com.br

Abstract: The following article intends to verify and highlight the building of a tragic philosophy in Nietzsche's thought since 1882 and the release of one of his major works: *A Gaia Ciência*. With this aiming, we will deal with his critic upon the traditional way of thinking and its metaphysical corolaries: the notion of conscience and knowledge under a scientific point of view. By this path, we intend to show how Nietzsche unfold others possibilities of understanding, asserting different ways where science and art may encounter new forms of expression in a tragic philosophy.

Key-words: Nietzsche. Science. Art. Tragic. Life.

INTRODUÇÃO

Vivi, estudei, amei e até cri,
E hoje não há mendigo que eu não inveje só por não ser eu. Fernando Pessoa
(Álvaro de Campos, 15-1-1928, poema "Tabacaria")

A filosofia de Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) é marcada por seu caráter crítico no tocante aos alicerces da tradição do pensamento ocidental. Desde sua primeira obra *O Nascimento da tragédia* publicada no ano de 1872 até *Assim falou Zaratustra* datada mais de uma década depois, Nietzsche sempre apresentara um empreendimento que envolvia uma ruptura com o discurso racional moderno. Toda vez que o filósofo buscara remeter-se aos gregos, mais especificamente à tragédia grega para desconstruir os valores superiores que foram inculcados no âmbito do pensamento ocidental, acreditava que em suas escolhas a história da tradição teria cometido um atentado às múltiplas formas de aparição e manifestações da vida.

Sem dúvida, sua obra mais polêmica "*Assim falou Zaratustra*", publicada posteriormente em 1883-85, demonstra a verdadeira efetivação da pretensão filosófica do autor, no sentido de que apresenta uma forma de escrita nova na seara do pensamento filosófico, caracterizando-se por um modo de expressão calcado na narrativa poética e imaginação. Ela traz consigo a jornada de aprendizado do seu herói Zaratustra, na medida em que no desenvolver de sua narrativa o personagem se vê afirmando a vida e assumindo os principais alicerces da filosofia de Nietzsche, a "*vontade de potência*", o "*além do homem*" e o termo trágico por excelência: o "*eterno retorno*". A novidade da tragédia de Zaratustra residiria justamente na formulação de uma obra de cunho literário que abarca todo o pensamento filosófico de seu autor. Diferentemente de um sistema filosófico conceitual, Nietzsche, ao tecer literariamente o destino de Zaratustra, narra sob uma forma artística os alicerces de sua filosofia em seu perspectivismo genealógico contrapondo-se ao discurso racional pautado desde a metafísica platônica. Com essas palavras, o que queremos apontar desde já na introdução deste artigo é a *questio facti* elementar de que seu pensamento, ao filosofar com o martelo, revela seu potencial destrutivo sem jamais

deixar de se aproximar do fazer artístico, com uma perspectiva que se rejuvenesce com o descarte do passado a partir do bom esquecimento, abrindo-se à celebração festiva e à afirmação atual da existência. Seu método intenciona promover um redirecionamento de nossas interpretações para a origem de nossas motivações morais e epistemológicas, em que toda arte e filosofia podem ser vistas como medicamentos para as relações fisiológicas que um organismo manteria consigo mesmo.

Porém, o objetivo de nosso empreendimento está voltado a algo mais sucinto, bem como originário do pensamento nietzschiano. Posto ser tanto inevitável quanto necessário, discorreremos de início sobre a construção da noção de tragédia dionisíaca que atravessa o desenvolvimento de seu projeto filosófico. Se o pensamento moral de Nietzsche constitui um projeto artístico-afirmativo das forças vitais, buscaremos compreender por quais circunstâncias a arquitetura de uma filosofia trágica se tornou possível. Neste sentido, acreditamos que se faz necessário o esclarecimento do método epistemológico que Nietzsche levou a cabo, levando-o posteriormente à concepção de seu *Zarathustra*. Em “*A Gaia Ciência*” obra publicada em 1882, podemos encontrar a chave desse projeto quando o autor busca definir a ciência e delimitar sua utilidade desvelando a necessidade de uma aproximação de ciência (que deve ser entendida como análoga à filosofia) para com a arte.

Assim, no primeiro momento desse trabalho nos voltaremos para a crítica corrosiva do filósofo perante os alicerces consagrados da tradição: a noção de consciência, a metafísica e, por fim, a ciência praticada na modernidade. Haja vista a busca de Nietzsche em consolidar seu afastamento teórico com o discurso racional dominante entre seus contemporâneos, analisaremos o desvelamento do conceito de consciência e do sujeito ocidental que, por sua vez, seria destituído de seu caráter central ante o conhecimento e substituído pela compreensão daquilo que Nietzsche denomina “*os dois milagres gregos*”: a pulsões elementares; apolíneo e o dionisíaco.

Abordaremos também o combate direto de Nietzsche para com a metafísica que, tendo como suas bases o caráter essencial da imutabilidade de valores superiores que regulamentam e julgam a vida, destituiu o homem de suas forças, causando assim o fenômeno moderno de negação da vida. É importante destacar seu desejo de analisar os fenômenos da arte e da moralidade de maneira alheia aos fundamentos metafísicos (os quais estiveram no horizonte da tradição de pensamento), *desideratum* associado a uma perspectiva para “além do bem e mal”. Também será abordado o afastamento decisivo de Nietzsche no que tange ao conhecimento de caráter científico, onde o filósofo, após ter constatado a supervalorização da verdade, sinalizará uma nova concepção de ciência aproximando-se da arte. Como último momento, intencionamos analisar a estrutura argumentativa desenvolvida pelo filósofo em sua nova metodologia como explicitação da efetividade do alegre saber arquitetado por Nietzsche em sua *A Gaia Ciência*, trazendo na filosofia trágica a união de ciência e arte evidenciando seu modo singular de desenvolvimento para o seu pensamento. Embora se

revele humilde e dissertativo em muitos de seus momentos, acreditamos que o trabalho de pesquisa que resultou na elaboração deste artigo possa contribuir para melhor esclarecer o projeto epistemológico-moral de Nietzsche.

A CRÍTICA À METAFÍSICA E AO CARÁTER CIENTÍFICO DO CONHECIMENTO

O problema da Consciência

A *Gaia Ciência*, obra publicada em 1882, marca um momento de transição entre o pensamento do jovem Nietzsche e seus escritos da maturidade. Essa obra assinala também uma ruptura decisiva do filósofo para com a metafísica, que ainda guardava seu lugar intrínseco à existência humana sob a estrutura da metafísica do artista³. Ela aponta ao mesmo tempo o afastamento do autor para com sua concepção de conhecimento científico, de cunho reflexivo e crítico sobre o fenômeno do sofrimento humano, que o filósofo ainda defendia em sua obra precedente *Humano demasiado humano* publicada em 1878.⁴

A pretensão filosófica contida em *A Gaia Ciência* é verificar uma abordagem ante a ciência, mais especificamente sua finalidade. No entanto, para construir sua concepção de conhecimento sob um olhar crítico, o filósofo desvela a problemática de um método mecanicista vigente e apresenta uma aproximação da ciência com a arte, objetivando uma ciência com um método mais humano que não procure verdades absolutas, mas traga novas perspectivas e valores.⁵

3. A metafísica do artista é trabalhada por Nietzsche especificamente no *Nascimento da Tragédia*, obra publicada em 1872. Tal perspectiva é abandonada pelo filósofo a partir de *Humano demasiado humano*, por não ver mais na arte algo essencialmente metafísico na atividade do homem. *Humano demasiado humano* marca o rompimento definitivo com qualquer possibilidade de elementos metafísicos, assinala também o rompimento com o pensamento kantiano e a filosofia de *Schopenhauer*, estabelecendo integralmente sua crítica à modernidade no âmbito do pensamento filosófico.

4. A este respeito segue-se a citação: “a tentativa de sanar a dor humana, por parte da religião, não passa de um desvio da consciência e de um arrefecimento da capacidade intelectual humana em refletir sobre as causas reais desse sofrimento. Essa reflexão é a proposta de Nietzsche ao contapor a filosofia científica (histórico-fisiopsicológica) à filosofia metafísica (cf. HH &1). É o procedimento científico, nesse sentido, que leva o filósofo à recusa da narcose, como uma tomada de posição reflexiva e crítica sobre o fenômeno da dor”. (Oliveira, Jelson R. *A Religião como má interpretação do sofrimento em Humano, demasiado humano, de Nietzsche*. p. 104 in Revista *Dissertatio* n.38)

5. Como nos apresenta introdutoriamente Tony Hara em seu comentário acerca da obra em questão: “Entre os livros de Nietzsche, *A Gaia Ciência* talvez seja a obra mais grávida de promessas e de novas esperanças no exercício de uma configuração outra do sujeito ético, além da moral de rebanho e dos desejos do maior número. *Zarathustra* aparece pela primeira vez, assim como o louco que anuncia a *morte de Deus* e o espírito que pronuncia o dilema do *eterno retorno*. [...] Ela registra em pormenores a árdua tarefa que Nietzsche se impôs de autodomínio, de conhecimento e transfiguração de si. O momento em que o filósofo, numa máxima

A *Gaia Ciência* costuma ser interpretada dentro da literatura como uma obra singular no âmbito do pensamento nietzschiano. Pois dela advém a construção dos principais termos da sua filosofia. Pois bem, para que tal empreendimento se tornasse possível foi preciso uma forte crítica aos grandes alicerces consagrados da tradição, como à própria ciência e à metafísica ou filosofias do ser que têm suas bases no pensamento platônico. Segundo Nietzsche, a oposição a Platão se instaura na medida em que o filósofo grego introduz uma dualidade entre a realidade suprassensível das ideias e a realidade sensível, em que a primeira contém entidades inacessíveis e imutáveis como a “Justiça”, o “Belo”, o “Bem” e a “Verdade”, as quais organizam e pressupõem valores superiores ante a vida, dando um caráter duvidoso à realidade dos sentidos.

Essa metafísica platônica, juntamente com o desenvolvimento do *cogito* cartesiano que definiu o homem moderno, contribuiu para o esquecimento do corpo e a negação da vida na modernidade, dando fundamentos epistemológicos para a construção do sujeito ocidental. Uma consequência direta de tais paradigmas baseados numa esfera metafísica e idealista foi o conceito de consciência. Instaurou-se, a partir dele, uma qualificação da razão em detrimento da afirmação da vida. Estabeleceu-se um método científico e mecanicista, calcado na busca por um fundamento ou uma verdade última, apresentada por Nietzsche como “*Vontade de verdade*”. Nas palavras de Roberto Machado “*a vontade de verdade é a crença, que funda a ciência, de que nada é mais necessário do que o verdadeiro*”.⁶

Para Nietzsche, por outro lado, seria necessário um afastamento de valores superiores que julgam a vida a partir de um ponto de vista suprassensível. Pois tal perspectiva, aplicada à credulidade na primazia da consciência e do valor absoluto da verdade como fundamento da estrutura referente ao conhecimento, resultaria no erro que afastaria o homem da afirmação da vida e do jogo de suas pulsões (*Trieb*). Toda a história da filosofia foi solidificada dentro de um distanciamento daquilo que, para o autor, se caracteriza como o mais relevante na condição da vida humana; ou seja, os instintos, os sentidos e o mundo na medida em que aparece. No entanto, Nietzsche apresenta o conceito de consciência como uma ideia que possibilita irremediavelmente a legitimação de princípios metafísicos, consolidando assim o total desprezo do corpo e dando lugar de unidade de consciência na constituição humana. Mesmo assim, segundo o perspectivismo do autor, ela seria apenas uma pequena parte de todo o processo que efetiva a vida e o conhecimento.

A consciência é o último estágio, o mais tardio, daquilo que é orgânico; é, por conseguinte, também o que há de menos acabado e de menos forte. Da consciência provêm inumeráveis enganos que fazem perecer um animal ou um homem

tensão, encontra seu próprio caminho, a sua maneira de filosofar e de dizer sim à vida; de *tornar-se aquilo que se é*, como diz em suas máximas mais conhecidas.” (Hara, T. 2003, p.120)

6. MACHADO, Roberto Cabral de Melo. *Nietzsche e a Verdade* – 2ª ed.- Rio de Janeiro: Rocco, 1985, p.84.

mais cedo do que seria necessário, “apesar de tudo”, como diria Homero. Sem a associação conservadora dos instintos, se essa associação não fosse infinitamente mais poderosa que a consciência não haveria regulador: a humanidade sucumbiria sob o peso de seus juízos absurdos, de suas divagações, de seus juízos superficiais e de sua credulidade, numa palavra, de sua consciência: ou antes, não existiria mais há muito tempo. (NIETZSCHE 2007, §11, p.33)

Neste excerto de *A Gaia Ciência*, Nietzsche apresenta a consciência como parte de um todo orgânico na qual sua função não está no lugar de primeira instância em comparação aos instintos, mas sim a serviço da associação deles. A consciência não é um núcleo onde repousa o saber absoluto, que assim desempenharia a função de regularizadora da vida do homem na medida em que se busca conceituar a experiência em si mesma. Verifica-se, desde um primeiro olhar, que não existe no pensamento nietzschiano papel central para a consciência.

A crítica corrosiva aos valores modernos ocidentais, que se mostra em *A Gaia Ciência*, é oriunda de uma filosofia da afirmação e da inquirição dos anseios que conduzem às noções metafísicas de “fixar”, “eternizar”, “ser”, bem como pelo desejo de mudança, do “novo”, do “futuro” e de “vir a ser”.⁷ Existe no espírito do pensamento de Nietzsche a necessidade da inversão de valores e graus na constituição do conhecimento, compreendendo necessariamente a relevância dos sentidos no processo de desenvolvimento do homem e suas forças no âmbito da vida análoga à sua condição no mundo.

Nietzsche, ao se remeter ao modo de vida da Grécia antiga desde seus primeiros escritos em *Nascimento da Tragédia*, apresenta duas forças, duas pulsões elementares para a relação do homem com o mundo, o apolíneo e o dionisíaco. Estes impulsos se apresentam para o autor como expressões trágicas que se mostram como alternativa contrária à racionalidade moderna que procede por conceitos e combinações lógicas, estes precedidos da noção de consciência e do eu cartesiano instaurado na modernidade..⁸

Tal perspectiva e modo de relacionamento antigo entre as pulsões elementares do ser humano, mesmo que implícita, é retomada por Nietzsche n’ *A Gaia Ciência*. O apolíneo trataria daquilo que exalta o belo e que é fruto da harmonia, tendo liberdade com relação às emoções e aspira à serenidade; aquilo que para Platão seria o verdadeiro na esfera de seu mundo das ideias, a segurança de valores superiores.

7. Cf. aforisma 370 de *A Gaia Ciência*).

8. Como ressalta Roberto Machado, no mundo helênico “A oposição entre os dois instintos, as duas pulsões, as duas potências, as duas forças artísticas da natureza – o apolíneo e o dionisíaco – era total. A experiência dionisíaca, em vez de individualização, assinala justamente uma ruptura com o *principium individuationis* e uma total reconciliação do homem com a natureza e os outros homens, uma harmonia universal e um sentimento místico de unidade; em vez de autoconsciência significa uma desintegração do eu, que é superficial, e uma emoção que abole a subjetividade até o total esquecimento de si.” (MACHADO, Roberto Cabral de Melo. *Nietzsche e a Verdade* – 2ª ed.- Rio de Janeiro: Rocco, 1985, p.25).

No entanto, para Nietzsche em sua perspectiva genealógica, seria a força apolínea a responsável em última instância por ignorar o mundo real, tornando a existência e a esfera dos sentidos como uma aparência. Neste viés, o impulso apolíneo efetua a produção de uma imutabilidade ilusória, longe do mundo tal como realmente é, tornando-o afastado dos sentidos. A consciência apolínea se mostraria como um véu de Maia, criando uma dissimulação ao homem grego, desconsiderando o mundo verdadeiro que para Nietzsche não pode ser ignorado. Neste sentido, o papel do dionisíaco seria revelar o véu apolíneo.

A experiência dionisíaca, ao invés de causar a individualização de cunho ascético aos valores imutáveis, faria com que o indivíduo se desprendesse da harmonia e caísse sobre o esquecimento de si, tendo no desgosto, causado pelo horror e pelo absurdo da existência, a total perda de sua subjetividade no confronto com o mundo que se apresenta no âmbito da sua verdadeira natureza, mostrando-se afastada dos valores superiores apolíneos⁹. Como tal, a celebração dionisíaca possibilita um lançar-se para fora de si, uma completa perda da identidade fixa para além dos limites impostos pela consciência racional. Através dela e de seu gozo e partilha de alegria abundante, todo critério *a priori* estabelecido é quebrado sem mais imposições ou repetições, mas tão somente criações. Mediante o contato com a embriaguez dionisíaca, causada pelo confronto da verdadeira existência, este indivíduo desenvolveria uma ruptura com valores superiores e desenvolveria uma reconciliação para com a natureza, com a vida e com o instante, tendo como resultado a afirmação artística da dança da vida e a exigência de liberdade de espírito, típicos das relações afirmativas com seus pares. Nietzsche, ao aceitar em sua filosofia a afirmação da vida, do aqui e o agora, aponta a necessidade da expansão do dionisíaco simultaneamente ao apolíneo, resultando no jogo estético do conflito dinâmico de tais impulsos. Acerca da questão Roberto Machado ainda nos diz: “A característica da nova estratégia artística é integrar, e não mais reprimir, o elemento dionisíaco transformando o próprio sentimento de desgosto causado pelo horror e pelo absurdo da existência em representação capaz de tornar a vida possível”, a partir da exuberância nascida da afirmação de si¹⁰. Aquele que se faz servidor de Dionísio, com o fito domesticador e não bestializador das pulsões para a construção de civilização, necessitaria permanecer na embriaguez e, ao mesmo

9. “O pesar, o desgosto pela existência, o sentimento de que tudo é absurdo, impossível, que aparece com a volta ao estado de consciência. O conhecimento, ou mais precisamente, porque não se trata rigorosamente de conhecimento, a emoção, a experiência dionisíaca tendo significado um acesso à verdade da natureza, uma verdade que mostra que a natureza é desmesurada ou que a verdade é desmesurada, faz o homem compreender a ilusão em que vivia ao criar o mundo de beleza justamente para mascarar a verdade. A visão da essência eterna e imutável das coisas faz com que ele desista de agir e construir uma civilização. A civilização que é o mundo aparente, fenomenal, é revelada como impostura da natureza, pelo núcleo eterno das coisas, pela verdade dionisíaca.” Cf. MACHADO, Roberto Cabral de Melo. *Nietzsche e a Verdade* – 2ª ed.- Rio de Janeiro: Rocco, 1985, p.26.

10. Cf. MACHADO, Roberto Cabral de Melo. *Nietzsche e a Verdade* – 2ª ed.- Rio de Janeiro: Rocco, 1985, p.27.

tempo, se manter atrás de si como observador, trazendo o equilíbrio e reconciliação de Dionísio para com Apolo, na arte apolíneo-dionisiaca.

Consequentemente, a afirmação de um viés estético do conhecimento da arte apolíneo-dionisiaca leva à desconstrução da estrutura promovida pela noção da consciência, colocando-a como insuficiente para o conhecimento, assim como o paradigma da representação, que serviu dentro da história da filosofia como base aos princípios que determinam a metafísica, justificando-a como ciência e dando margem ao âmbito do conceito universal. Sob este viés, evidencia-se um lugar estratégico para o pensamento de Nietzsche que consolida sua oposição à racionalidade, compreendida como forças apolíneas que levaram a uma domesticadora busca infrutífera pela verdade, da qual a tradição apoderou-se para estabelecer condições de segurança necessárias perante um mundo no qual não se pode exercer controle algum. Tal concepção, para o pensamento de Nietzsche, representa um verdadeiro embuste às forças vitais, acabando com o equilíbrio que havia com os gregos entre o apolíneo e o dionisiaco. Como veremos, a metafísica e os princípios que fundamentam a ciência são resultados do processo de elevação das forças apolíneas em detrimento do dionisiaco no âmbito da longa história da filosofia.

Tais circunstâncias possibilitaram a crença de cunho epistemológico e moral em uma divisão da realidade em que se desprezam os sentidos, os instintos, as paixões e o desejo, em troca de conceitos absolutos oriundos de uma realidade suprassensível, o bem, o belo e a verdade. Para Nietzsche, tal concepção desconsidera o mundo natural, a natureza enquanto nos aparece, em troca da ascese do idealismo socrático-platônico, que por consequência estabeleceria posteriormente o cristianismo como platonismo para o povo e possibilitaria uma vida regida pela total renúncia a seus valores. Enquanto hipertrofia apolínea da existência, a dialética tranquilizadora do *logos* socrático e seu racionalismo moralizante contribuiriam para a denegação da festa trágica da existência em sua multiplicidade de perspectivas. A degenerescência do caráter viril e afirmativo do povo grego introduzida pelo jogo dialético socrático-platônico residiria na incapacidade de encarar a multiplicidade de perspectivas e afirmar a identidade do ser como dominação empobrecida de sentido. No aforisma 294 da *Gaia Ciência* intitulado “*Contra os caluniadores da natureza*”, o filósofo expõe o total desprezo que a forma de pensamento regido pela exaltação da consciência proporcionou na tradição ocidental no que tange à natureza e aos instintos. Nietzsche nos diz:

Que desagradáveis são aqueles em que toda tendência natural se torna imediatamente doença, algo que altera ou mesmo algo ignominioso estes nos induziram a pensar que as inclinações e os instintos do homem são maus; eles são a causa da nossa grande injustiça para com a natureza, para com toda a natureza! Não faltam homens que poderiam se entregar a suas inclinações com graça e inconsciência; mas não o fazem, com receio desse “mau espírito” imaginário da natureza! (NIETZSCHE, 2007, § 294 p. 162-163)

No trecho acima citado, Nietzsche combate a austera negação da natureza proporcionada pela crença na razão, na primazia da consciência; patrocinadora do desprezo aos sentidos e dos instintos em contato com o mundo, que seria o ponto de partida efetivo na condição humana.

O “pecado” da renúncia, tão criticado por Nietzsche, se construiu no âmbito da tradição por uma lógica que obedeceria a uma necessidade universal. Foram adotadas medidas que exerceram um papel de segurança aos homens, que se agarraram à razão e à sua boa consciência, para assim manter uma ordem (apolínea) evitando aquilo que se caracteriza como mal, o desprazer da existência, os instintos e o desejo (dionisíaco). Neste sentido, identifica-se outro ponto de fraqueza na questão da consciência para o filósofo. Além de subjugar a força dos instintos e afastar o homem daquilo que lhe é próprio, o conceito de consciência tiraniza-o pela força dos juízos de valor, valor esse identificado no âmbito de um tema fortemente criticado por Nietzsche em toda sua obra, a moralidade. Acerca disso, Nietzsche disserta em seu aforisma “*Viva a física*”:

Mas por que escutas a voz da tua consciência? O que é que te dá o direito de aceitar como verdadeiro e infalível semelhante juízo? Para essa crença- não há outra consciência? Uma consciência atrás da tua “consciência”? Teu juízo “isto é correto” tem uma pré-história em teus instintos, em tuas inclinações, em tuas antipatias e em tuas in experiências; deves perguntar: “como esse juízo se formou?” E depois esta: “O que é que impele no fundo a escutá-lo?” (...) A firmeza de teu juízo moral poderia muito bem ser a prova de uma pobreza pessoal, de uma falta de individualidade, tua “força moral” poderia ter sua origem em tua teimosia ou em tua incapacidade de perceber um ideal novo! Em resumo: se tivesses pensando de uma forma mais sutil, tivesses observado melhor e aprendido mais, nunca chamarias “dever” e “consciência” a esse dever e a essa consciência que acreditas serem pessoais. (NIETZSCHE, 2007, § 335, p.185-186)

Podemos verificar que o conceito de consciência, como força derivada, menospreza a natureza dos instintos. Assim, a partir do momento em que o filósofo desvela a ilusão da consciência, assegura ao mesmo tempo seu caráter secundário diante da associação dos instintos. A consciência torna-se explícita como a parte mais fraca da constituição humana e definida pelo filósofo também como uma forma de moralidade refletida à condição do homem no rebanho, na medida em que seu aspecto ascético resulta apenas nos valores superiores e domesticadores que julgam a ação humana no mundo. O resultado teria sido a degeneração da cultura em benefício do enfraquecimento da vida, a ascensão do ressentimento e dos valores pusilânimes como critério moral. A tradição usou do conceito de consciência para afirmar a necessidade de segurança, na qual a vida é suprida pelos valores superiores ou verdades absolutas que a julgam e a regulam.

Ipsa facto, Nietzsche constata o valor moral e escravizador da crença na consciência e seu total desprezo pela afirmação da vida. Todavia, ele ainda considera a existência da consciência e seu real papel para o conhecimento do homem. No aforisma 354 da sua *Gaia Ciência*, ele impõe sua postura crítica contra arrogância dos defensores da razão, os que detêm a crença e valorização do conceito de consciência, de onde toda a forma de conceber o conhecimento foi construída na modernidade. Assim, desvela a ilusão de que a vida humana é ordenada conforme os ditames da boa consciência, se apropriando da fisiologia e da zoologia para apresentar o caráter secundário e moral da consciência.

O problema da consciência (ou mais exatamente, do fato de se tornar consciente) só se apresenta a nós no momento em que começamos a compreender em que medida poderíamos dispensar a consciência: a fisiologia e a zoologia nos colocam agora no início dessa compreensão (foram necessários, portanto, dois séculos acatar a preceito suspeita de Leibniz). Com efeito, poderíamos pensar, sentir, querer, lembrar-nos; poderíamos igualmente agir em todas as acepções do termo, sem que seja necessário que tudo isso “chegue a nossa consciência” como se diz, sob a forma de imagem. (NIETZSCHE, 2007, § 354, p. 210)

O filósofo afirma que a consciência não tem participação ativa e significativa no desenvolvimento das funções vitais e fisiológicas do homem. E nem mesmo atua nas ações na natureza, no querer, lembrar e no pensar¹¹. Essas atividades naturais do ser humano não dependem da consciência para se efetivarem. Só existe efetivação da consciência caso se aceite a ilusão de uma demasiada valorização no âmbito da tradição, possibilitando o poder de subjugar o indivíduo e afastá-lo da natureza e dos instintos mediante a ascese epistemológica. Procedimento adotado pela filosofia da representação, enraizada pela modernidade, e moldado na crença que o conhecimento humano é efetivado através da relação sujeito e objeto, onde concebemos as coisas do mundo através de imagens formadas pela consciência; ou seja, a subjetividade inserida nos moldes do paradigma da representação que teve seu início com o pensamento platônico, efetivando-se na modernidade com o *cogito* cartesiano.

No mesmo aforisma Nietzsche, ao constatar tal ilusão do homem moderno no que concerne a crença da razão ocidental, aponta o real papel da consciência dentro do âmbito da vida humana em relação ao meio no qual se encontra inserida no mundo, isto é, mostra que a consciência não exerce um lugar de excelência no

11. “Mais uma demonstração do experimentalismo de Nietzsche, a primeira indicação do aforisma é, no mínimo, intrigante: pode o homem viver sem consciência, há vida sem consciência, há pensamento, vontade e até mesmo memória fora da consciência. O apelo à fisiologia e à zoologia não é gratuito ou casual [...] quer atingir a vaidade e arrogância humanas, sempre prontas a realimentar no homem um sentimento de superioridade, de altivez e de excepcionalidade supostamente legitimado pela inelutável presença do intelecto ou da consciência”. CALOMENI, Tereza Cristina B. **Breves notas sobre a crítica nietzschiana da consciência e da linguagem**. CADERNOS NIETZSCHE nº 28, UNIFESP, 2011, p. 2.

âmbito do conhecimento, mas atua somente dentro da necessidade humana de se comunicar. Nietzsche nos diz:

Se realmente se quiser ouvir minha resposta a essa questão e às hipóteses, talvez, excessivas, nas quais ela se baseia, diria que a acuidade e a força da consciência me parecem estar sempre em relação com a faculdade de comunicação de um homem (ou de um animal) e essa mesma faculdade em função da necessidade de comunicar: mas não se deve ver nisso o ser humano individual como um mestre na arte de comunicar, de explicar suas necessidades e, ao mesmo tempo, como um ser coagido, mais que qualquer outro, a contar com seus semelhantes. (NIETZSCHE, 2007, § 354, p. 210 – 211)

Nietzsche apresenta a consciência como responsável pela conservação necessária da comunicação entre os homens e não como uma experiência cognoscitiva de onde se retira o conhecimento e a definição dos objetos¹². Ela se mostra como instrumento ordenador da linguagem, a qual não obtém valor de primazia ante a constituição humana, diferente da concepção tomada pela tradição que via na consciência um princípio do conhecimento da verdade e da ascese ao absoluto. A consciência para Nietzsche é um impulso que leva à comunicação, não se tratando de algo individual que faz com que o homem compreenda valores universais e necessários, mas induz a um ato coletivo de compartilhar através da linguagem os resultados das ações humanas no mundo e a necessidade de segurança ante os fenômenos. Mais adiante ele afirma:

Se essa observação for correta, posso ir mais longe e supor que a consciência só se desenvolveu sob a pressão da necessidade de comunicar, que a princípio só era necessária e útil nas relações de homem para homem (sobretudo nas relações entre aqueles que mandam e aqueles que obedecem) e que só se desenvolveu em função de seu grau de utilidade. A consciência é apenas uma rede de comunicação entre homens somente como tal foi forçada a se desenvolver: o homem que vivia solitário e o animal de presa poderiam ter passado sem ela. (NIETZSCHE, 2007, § 354, p. 211)

No excerto acima, o autor assevera que a consciência surgiu da necessidade de comunicação na medida em que o homem deixou seu estado natural e as grandes cidades e centros urbanos foram emergindo dentro da história. O homem animal deixou seus impulsos mais primitivos, colocando no lugar a necessidade de comunicar-se com seus semelhantes. Devido a isso, a crítica nietzschiana nega a primazia do conceito de consciência, pois aponta o erro tomado pela tradição em determiná-la como núcleo do pensamento humano, que irremediavelmente afastou

12. “Vida social, consciência e linguagem (comunicação) são, portanto, compostas quase simultaneamente. Por carência e para comunicá-la, não pode prescindir da consciência que, não é algo natural ou espontâneo, faculdade primordial ou “unidade originária”. O crescimento da consciência acompanha a exigente necessidade de transmissão de impressões”. CALOMENI, Tereza Cristina B. **Breves notas sobre a crítica nietzschiana da consciência e da linguagem**. CADERNOS NIETZSCHE nº 28, UNIFESP, 2011, p. 2.

o homem dos instintos e das forças que contribuem em sua constituição natural, em troca da negação do mundo, da realidade e da vida, trazendo para o pensamento filosófico a possibilidade de princípios metafísicos.

O valor essencial da Metafísica como negação da vida

A crítica nietzschiana, ao se mostrar totalmente estruturada dentro do âmbito da afirmação da vida, não só abarca o conceito de consciência como também implica a exigência de libertação dos elementos que constituem a metafísica; visto que esta aparenta ser um produto da crença exagerada da razão e da necessidade de tornar-se consciente. Ela é compreendida pelo filósofo como possibilidade errônea de uma realidade suprassensível, tendo como suas bases elementos absorvidos pela tradição no pensamento socrático-platônico, dentro dos quais advêm valores de cunho essencial, exercendo assim o papel de servir à humanidade para regular a vida¹³.

N' *A Gaia Ciência*, especificamente, Nietzsche procura livrar-se de qualquer perspectiva metafísica que ainda permanecesse residual em seu pensamento. Tal postura requer desconstruir todo o modo de pensar em suas bases no âmbito da tradição, para assim debruçar-se sobre os setores do conhecimento humano, como também no âmbito da filosofia, da moral, da religião e das artes. Neste sentido, seria possível combater a metafísica dentro das vertentes pelas quais ela teria se infiltrado no âmbito do pensamento do homem moderno.

Para Nietzsche, a metafísica criou uma ilusória superação dos problemas da existência a partir da necessidade imanente do homem em compreender as questões da origem daquilo que compõe a realidade. Os problemas filosóficos, no âmbito da tradição, criaram a possibilidade de buscar em uma realidade eterna a origem dos objetos. Nessa mesma esfera suprassensível também se criou uma ilusão de caráter essencial para valores absolutos que possam guiar e regulamentar a vida, estabelecendo conceitos como a verdade e aquilo que é correto, definindo os pilares do conhecimento e da moralidade, resultando na total negação da vida e da realidade dos sentidos. Assim, todo o pensamento calcado pelas bases da tradição absorve a obrigatoriedade de um caráter essencial daquilo que se conhece, validando uma necessária ascese epistemológica a fim de compreender o mundo e chegar à verdade.

Durante muito tempo, muito tempo mesmo, o intelecto não produziu senão erros; alguns deles se mostraram úteis para a conservação da espécie; aquele que caiu neles ou os recebeu como herança lutou por si e por seus descendentes com mais

13. “Romper com Kant, Schopenhauer – com o próprio Wagner – e com a noção de verdade do conhecimento ligado à essência metafísica do mundo é algo a que Nietzsche se dedica bem antes de o projeto da transvaloração de todos os valores e de a palavra genealogia começarem a se explicitar em seus escritos. O desprendimento em relação ao pensamento metafísico começa notoriamente já com *Humano demasiado humano*, em que ele evidencia publicamente pela primeira vez a recusa de realidades suprassensíveis e de valores transcendentos que deveriam supostamente servir ao homem para regular a vida”. MEDONÇA, de Ferreira Adriano. **De Humano demasiado Humano à Gaia Ciência: Nietzsche e sua declaração de guerra à metafísica**. Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche. 1 semestre de 2012 – Vol. 5, nº 1, p. 3.

felicidade. Muitos desses artigos de fé errados, transmitidos por herança, acabaram por se tornar um tipo de fundo comum da espécie humana, por exemplo: que há coisas duráveis e idênticas, que existem objetos, matérias, corpos, que uma coisa é o que parece ser, que nossa vontade é livre, que aquilo que é bom para alguns é bom em si. [...] Mais ainda: essas proposições se tornaram mesmo, nos limites do conhecimento, formas segundo as quais se avaliava o “verdadeiro” e o “não-verdadeiro”. (NIETZSCHE, 2007, § 110, p. 108 – 109)

Segundo o filósofo, a tradição estabeleceu seus alicerces na ideia de que é necessário buscar os fins do conhecimento com a distinção entre o verdadeiro e o falso, daí a necessidade reguladora de valores imutáveis através da crença da primazia da consciência sobre os instintos, em cuja busca por valores absolutos regulariza-se o bom entendimento. Assim, o homem regrado alcança a verdade através de princípios que normatizam sua existência, princípios estes oriundos de um caráter essencial. Neste sentido, Nietzsche identifica o caráter de duração exercido pela metafísica, onde homem encontra na crença de valores absolutos de uma realidade suprassensível condições de durabilidade de sua existência. A metafísica traz um ilusório enaltecimento da razão e nobreza ao homem em comparação aos outros seres, na medida em que estabelece circunstâncias favoráveis de sobrevivência e segurança.

Como entrevisto, o cerne de sua crítica em relação à metafísica se encontra na desvalorização dos instintos e na ilusão de uma necessária ascese epistemológica que busca a verdade no âmbito de uma esfera externa às condições vitais do homem. O empreendimento que se encontra estabelecido n' *A Gaia Ciência* compreende uma crítica destrutiva de todas as bases que configuram a estrutura do pensamento exercido na tradição.

Nietzsche deixa explícito em sua filosofia que o estabelecimento da metafísica, compreendida não só como disciplina filosófica, mas como ciência enquanto tal, desenvolveu na tradição do pensamento ocidental o enfraquecimento das forças dentre as quais o homem seria constituído: sua vontade, seus desejos e suas paixões; sobretudo as dionisíacas. O caráter essencial da metafísica estabeleceu-se por um gesto calcado de valores superiores não apenas na história do pensamento filosófico, mas também nas raízes da religião (principalmente no cristianismo, através do desenvolvimento da compreensão do pensamento socrático-platônico) bem como nas bases da própria moralidade trazendo conseqüentemente a negação da vida. Mas se a moral é doutrina de hierarquia entre os homens, aquilo que faria livre o espírito dos homens seria sua capacidade de utilizar a própria vida como fonte de afirmação e conhecimento; como uma forma a mais de moralização que se reconhece como interpretação, e não como conceito universal, que partiria de um “mundo que teria algum interesse para o ser humano.”¹⁴ Como fórmula contra a *décadence*, há de

14. (*A Gaia Ciência*, aforisma 301)

se requerer uma multiplicidade de perspectivas que liberte o espírito da gravidade e o torne mais leve das imposições metafísicas e moralizantes. Conforme as palavras de Mendonça acerca da decadência moral: “Movido por esta disposição, o homem teria negado a interdependência entres os opostos e teria referido aqueles objetos pelos quais tem maior apreço a um além-mundo, a uma suposta realidade eterna desvinculada da realidade fenomênica. E este gesto traria embutido em si valores morais”¹⁵.

No escopo da moralidade, para Nietzsche, a tradição serviu-se dos princípios metafísicos para consolidar os seus conceitos absolutos, preceitos que nela foram entendidos como elementos da constituição da estrutura que demarca o império da razão. Conceitos entendidos como ser ou objetos que se perfazem na esfera das coisas em si, o bem e o verdadeiro, em suma, os valores ideais daquilo de que se entende como dever ou também aquilo que se mostra como correto. Essas perspectivas com o tempo se fortaleceram e foram enraizadas no pensamento ocidental, à medida que se mostraram efetivas dentro da consolidação de uma concepção metafísica necessária, que determina e regulamenta a condição de preservação do homem para com a realidade fenomênica.

Trazendo a metafísica como procedimento de conservação da espécie, Nietzsche faz a crítica do afastamento do homem de seus instintos e impulsos vitais. Deste modo, denuncia a negação da vida na medida em que tais princípios metafísicos proporcionam uma divisão de mundos, acarretando por essa perspectiva o enfraquecimento da humanidade na medida em que o homem busca sob os alicerces de uma realidade ideal formas de caráter essencial, universais e necessárias para obter ordem no tocante à vida; evidenciando a primazia de valores morais negando a si mesmo aquilo que se realiza nas suas ações no mundo. O homem estaria fadado, pois, em sua busca pela verdade e pelo dever moral a submeter-se à tirania do trono da razão; ou seja, à sua boa consciência. Negando seus instintos, o erro e o engano, onde de fato se efetiva o poder e o conflito de forças que fazem parte da construção da existência humana, é a falta de personalidade que se expia em toda a parte.

A falta de personalidade se expia em toda parte; uma personalidade enfraquecida, frágil, apagada, que se nega e se renega a si própria não serve para mais nada e, menos que qualquer outra coisa, para a filosofia. O “desinteresse” não tem nenhum valor, nem no céu e nem na terra; os grandes problemas exigem todos o grande amor e só os espíritos vigorosos, nítidos e seguros são capazes desse grau de amor, os espíritos de base sólida pois repousam sobre si próprios. [...] É evidente que até hoje a moral não foi um problema; pelo contrário, foi terreno neutro onde, depois de todas as desconfianças, dissensões e contradições se acabavam por estar de acordo, foi o local sagrado da paz onde os pensadores descansam de si próprios, onde respiram e revivem. (NIETZSCHE, 2007, § 345, p. 199)

15. MEDONÇA, de Ferreira Adriany. **De Humano demasiado Humano à Gaia Ciência: Nietzsche e sua declaração de guerra à metafísica**. Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche. 1 semestre de 2012 – Vol. 5, nº 1, p.5.

Podemos verificar a partir da citação acima que a metafísica, como moralidade refletida, exerce o poder de terreno neutro e carrega uma ilusão de estabilidade efetivando o caráter necessário de segurança no âmbito da existência humana. Por se embasar em uma pretensão de verdade absoluta e fixa sobre o mundo alheia ao perspectivismo genealógico do movimento da história, ela acabou por incorrer em interpretações prejudiciais e nocivas à vida. Pois tal perspectiva evita que o homem se valha das possibilidades do erro, da ilusão e do engano, criando assim uma falsa realidade eterna e fazendo com que se efetivasse na história do pensamento o total desprezo do mundo ou da realidade enquanto tais. Assim, o homem se conformaria a ser regrado por preceitos metafísicos efetivados na moralidade e os problemas no âmbito do pensamento filosófico encontrariam calma na segurança de um arcabouço conceitual regulador e imutável.

A metafísica na esfera do pensamento filosófico, segundo o autor, foi estruturada basicamente na medida em que se constituiu o idealismo, a partir do qual se passou a adotar a ascese socrático-platônica como metodologia no desenvolvimento de seus problemas dentro da história da filosofia. Com o eu cartesiano na modernidade postulou-se a primazia da razão em relação aos sentidos, os quais passaram a serem desprezados na medida em que se personificavam como homólogos do erro e do engano, tornando o pensamento filosófico abstrato calcado no conceito e distante da ação do homem no mundo. Nietzsche, ao criticar a tradição, busca uma inversão de realidades colocando aquilo que se caracteriza como essência ou ideal, como irreal, na medida em que identifica uma autenticidade na aparência como forma do homem criar e interagir com a realidade fenomênica.

Outrora os filósofos temiam os sentidos – não teremos esquecido demais esse temor? Somos todos sensualistas, nós, homens de hoje e homens do futuro da filosofia, não no plano da teoria, mas naquele da práxis, da prática... Os filósofos de outrora, pelo contrário, acreditavam ser atraídos pelos sentidos para fora de seu mundo, o frio reino das “ideias”, numa ilha perigosa e mais meridional, onde temem ver suas virtudes de filósofos derreter como a neve ao sol. Para filosofar era preciso então tapar os ouvidos com cera; um verdadeiro filósofo não entendia a vida porquanto a vida é música, e ele negava a música da vida – é uma velha superstição de filósofo acreditar que toda música é música de sereia. – Hoje seríamos tentados a julgar no sentido contrário (o que poderia ser em si do mesmo modo falso): a acreditar que as ideias tem um poder de sedução mais perigoso que os sentidos, com seu aspecto frio e anêmico e até mesmo não por esse aspecto as ideias sempre viveram do “sangue” dos filósofos, roeram sempre os sentidos dos filósofos e até mesmo, se se quiser acreditar, seu “coração”. [...] Em suma, todo idealismo filosófico foi até agora uma espécie de doença, em toda parte onde não foi, perigosa, o temor de sentidos superpoderosos, a sabedoria de um sábio discípulo de Sócrates. Talvez nós, homens modernos, não somos bastante saudáveis para ter necessidade do idealismo de Platão. (NIETZSCHE, 2007, § 372, p. 240 – 241)

Em tal aforisma, que tem como título “*Por que não somos idealistas*”, Nietzsche deixa explícito o caráter errôneo dos elementos que constituem a perspectiva que compreende o verdadeiro mundo ou o ideal originado em uma realidade longe dos sentidos. Pois tal concepção promove a negação da vida, à medida que causa o enfraquecimento das forças vitais, desconsiderando-as em prol da imutabilidade das ideias. Nietzsche busca então uma inversão de valores onde se torna ilusória e irreal a possibilidade de uma existência concreta das ideias ou conceitos absolutos. Para o filósofo, devemos abraçar a realidade do sensível, aquilo que nos aparece; busque-se por sua vez uma filosofia da prática onde exista valorização da ação do mundo. Mais do que a denúncia do erro metafísico, é a incapacidade de reconhecimento reflexivo deste erro que está sendo apontada como o maior engodo a superar. Do conflito com aquilo que é falso e que se mostra oriundo do engano, é necessário para o filósofo assumir a afirmação da vida, as aparências e o conflito da existência. Acredita-se que não seja possível entre seus contemporâneos ainda permanecer no estado de primazia da racionalidade e do arcabouço conceitual imutável concedido pela segurança da metafísica.

Nietzsche denuncia a metafísica como doença ou enfraquecimento que, ao se alastrar em todos os espaços do saber e do pensamento humano, estabeleceu conjecturas de fundamentação moral julgando a vida humana. Trazendo consigo a necessidade de uma esfera do universal que decreta um arcabouço conceitual organizador da vida e do conhecimento, efetivando seu papel de conservação da espécie, a metafísica se enquadra no status de consolo, compaixão e dor gregárias; afastando o homem da sua condição trágica do mundo e privando-o do reconhecimento do conflito das pulsões apolíneas e dionisíacas, dando-lhe segurança no caminho elevado da racionalidade e do conceito.

No período que compreende *A Origem da Tragédia* até a publicação de *Humano demais humano*, Nietzsche estabelece para a metafísica a possibilidade de duas perspectivas: a primeira, da metafísica racional que se mostra como o fruto da crença da razão, dos valores superiores que regulamentam e julgam a vida, tão combatida pelo filósofo, e a segunda, que se perfaz como sendo a metafísica do artista. Esta última perspectiva surge como contrapartida ante a crença na razão, pois para o filósofo seria somente sob um viés estético natural do homem que se estabeleceria um fator imutável em relação ao mundo como fenômeno. Como apresenta Roberto Machado “o estudo da relação entre metafísica do artista e metafísica conceitual, que tem como ponto de partida a crítica do socratismo estético, vai muito mais longe do que uma simples questão de estética, remetendo em última instância, como sempre em Nietzsche, ao problema da verdade.”¹⁶

Todavia, n’*A Gaia Ciência* verifica-se uma considerável mudança no pensamento de Nietzsche no que concerne ao conceito de metafísica do artista. Obra 16. MACHADO, Roberto Cabral de Melo. *Nietzsche e a Verdade* – 2ª ed.- Rio de Janeiro: Rocco, 1985, p.84.

em que o filósofo, ao abandonar tal concepção devido à busca por uma conciliação entre a ciência e arte, faz emergir no âmbito de sua filosofia uma total renúncia de qualquer laço para com a metafísica, concebendo um novo método dentro da esfera do conhecimento. Trazendo a aparência como parte fundamental de uma nova forma de conhecimento, resgatar-se-ia a capacidade criativa como ponto de partida. Tal método seria posto em prática tanto na ciência quanto na filosofia. Buscando algo para além da ciência, para além da filosofia, as duas seriam quase sinônimas e oriundas da capacidade criativa do homem totalmente vinculada à realidade fenomênica; em suma, a vida como conhecimento e como obra de arte; por assim dizer, uma “gaia ciência”.

A Crítica ao caráter científico do conhecimento como vontade de verdade: à guisa de conclusão

Outra característica apresentada por Nietzsche em sua *Gaia Ciência* deve-se a um novo olhar para o saber científico. Em sua obra *Humano demasiado humano*, Nietzsche já identificava na ciência a alternativa para o fim da metafísica, dado que abandonara a metafísica do artista para, assim, consolidar sua crítica e derrubar a crença da tradição. Tudo aquilo que concernia às realidades suprassensíveis e todos os termos oriundos da tradição tais como transcendência, essência, representação e ideais superiores, são criticados pelo autor. Pois tais perspectivas são elucidadas e desmistificadas por Nietzsche, que as apresenta como oriundas da própria criação humana e servindo como base à conservação da espécie proporcionando uma ilusória condição de segurança ante os perigos dos instintos e das aparências. O homem estaria amparado na tranquilidade idealista que guardaria a verdade do conhecimento, através de valores morais que o conduziriam ao caminho do supremo bem e daquilo tomado como verdadeiro.

Para Nietzsche, especificamente em *Humano demasiado humano*, as ciências naturais se mostravam como as bases para sua nova crítica da metafísica, pois conduziriam investigações sobre as origens dos objetos sob um viés imanente em cujo procedimento não consideraria a possibilidade de um além-mundo. A idealização do homem e seu ajuste no espartilho moral da bondade e perfeição se enquadrariam entre seus maiores preconceitos, haja vista o homem ser não uma essência fixa e imutável, mas um *deveniente* submetido às contingências e mudanças históricas. Não haveria nesse sentido qualquer conclusão sob uma ótica de ideal, proporcionando-se a desconstrução de uma exagerada valorização de qualquer consideração que a tradição queira tomar como superior, abstendo-se somente de “pequenas” verdades (verdades específicas, não gerais e imutáveis) que seriam alcançadas mediante os métodos rigorosos que se valeriam no âmbito da prática, desvencilhando-se de todo e qualquer tipo de ideias transcendentais. Assim, as

ciências naturais desmistificariam os conceitos absolutos e imutáveis, trariam à tona todos os erros enraizados no âmbito das representações dentro da tradição.

Todavia, Nietzsche nos escritos de *A Gaia Ciência* apresentou uma nova postura em relação ao discurso científico que consiste em uma nova interpretação no que concerne ao método de ciência mecanicista instaurado na modernidade¹⁷. Considerando, pois, decretada a morte de Deus, a ciência postula uma nova forma de refletir conceitos como o bem e o mal (que se apresentam centrais nos discursos religiosos e metafísicos) na medida em que se procura na esfera do conhecimento científico obedecer a regras sob as quais o mundo estaria regido, pressupostos que abarcam, entre tantos outros, a causa e o efeito, a existência da suposição de regras que norteiam a disposição entre os corpos (movimento e repouso); em suma, leis imutáveis que se tornam acessíveis através da ascese empreendidas pelo estudo científico. Neste sentido, a partir de *A Gaia Ciência*, o filósofo identificaria no escopo do saber científico uma promessa de novos “artigos de fé”, que o conduziria ao mesmo patamar da metafísica, justamente por trazerem consigo uma forma mais refinada de se determinar valores imutáveis para reger a existência, uma nova forma de ponderar valores de cunho moral que se mostram refletidos. A denúncia verificada pela crítica nietzschiana salienta que tais princípios se fazem presentes na medida em que se leva a considerar dentro do rigor científico a distinção entre o verdadeiro e o falso. Tal problema tem como base o que é identificado por Nietzsche como a “vontade de verdade”. No aforisma 344 do livro *V* de “*A Gaia Ciência*”, o filósofo questiona a determinação da ciência por sua busca de fugir do erro e sua posição de condicionamento perante o valor de verdade.

Com justa razão se diz que, no domínio da ciência, as convicções não têm direito de cidadania: só quando se decidem a adotar modestamente as formas provisórias da hipótese, do ponto de vista experimental, de um artifício de regulamentação, é que se pode lhes conceder o acesso e mesmo um certo valor no domínio do conhecimento – com a condição de continuarem, todavia, sob uma vigilância de polícia, sob o controle da desconfiança. Mas isso não quer dizer, no fundo, que é unicamente quando a convicção deixa de ser convicção que se pode lhe conceder a entrada na ciência? A disciplina do espírito científico não começaria somente a partir do momento em que não se permite mais qualquer convicção? ... É provável. Ora... trata-se ainda de saber se, para que essa disciplina possa começar, uma convicção não é indispensável, uma convicção tão imperiosa e tão absoluta que force todas as outras a se sacrificar por ela. Vê-se que a própria ciência se baseia numa fé e que não poderia existir ciência “incondicionada”. (NIETZSCHE, 2007, § 344, p. 196- 197)

17. “O que se percebe é que de *A Gaia Ciência* em diante, a valorização das ciências como instrumentos que lhe permitiriam realizar a crítica da tradição de pensamento não é mais um recurso utilizado. Este livro publicado em 1882, marca, de um lado, a sua decisiva aproximação com a arte e, de outro, o seu afastamento definitivo em relação à perspectiva científica. Nele, Nietzsche aprofunda o gesto crítico em relação à metafísica, recusando totalmente qualquer possibilidade de o conhecimento funcionar segundo modelo de verdade. MEDONÇA, de Ferreira Adriano. **De Humano demasiado Humano à Gaia Ciência: Nietzsche e sua declaração de guerra à metafísica**. Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche. 1 semestre de 2012 – Vol. 5, nº 1, p.12

Para Nietzsche, a ciência teria no âmbito de suas convicções apenas pressupostos iniciais para, assim, exercer seu papel no que concerne ao conhecimento. Em suas hipóteses, ela traria à luz pequenas verdades específicas, melhor dizendo, localizadas. Neste sentido, não estaria condicionada pela busca de uma verdade absoluta e geral. Em contrapartida, o conhecimento científico trouxe para si e para a realidade no âmbito da ação uma crença ascética pela verdade, o método científico como um todo resultando no condicionamento de um plano ainda metafísico que o determina, trazendo um valor regulatório daquilo que pode ser conhecido e apreendido na natureza e na ação do homem no mundo. Valores regulatórios da esfera do saber científico somente ressaltam para a modernidade a moral acrescida de princípios metafísicos refletidos, dentro da busca por ordenar seu método calcado do afastamento da possibilidade do erro e do engano. A ciência, através da sua necessidade de alcançar a verdade, também compactuaria com a elevação da crença na razão elevando o apolíneo e causando o detrimento do dionisíaco ao trazer uma negação da vida e do terror da existência, do desenvolvimento dos impulsos que determinam o todo do conhecimento.

Para Nietzsche em *A Gaia Ciência* a convicção científica já tem como pressuposto ideal e imutável a ordenação da regulamentação de seus experimentos sob a intenção da busca pela verdade. Nietzsche no diz:

Ela pressupõe que a verdade importa, a ponto de afirmar que “nada importa mais que a verdade” e que “com relação a ela, todo o resto não tem senão um valor de segunda ordem”. Este é seu princípio, sua fé, sua convicção. Mas essa vontade absoluta, o que vem a ser? Será vontade de não se deixar enganar? Será vontade de não enganar? A vontade de verdade poderia também ser interpretada dessa maneira por pouco que se admita que dizer “não quero me enganar” é a generalização do caso particular “não quero enganar”. Mas por que não enganar? Mas por que não se deixar enganar? É preciso notar que as razões da primeira eventualidade se encontram em domínio completamente diferente daquelas que respondem à segunda. Não se quer deixar-se enganar porque considera que é prejudicial, perigoso, nefasto ser enganado – nesse sentido, ciência seria uma longa astúcia, responderia uma precaução, teria uma utilidade, a que se poderia justamente objetar: como? (NIETZSCHE, 2007, § 344, p. 197)

O autor afirma que a fé inculcada no conhecimento sob um viés científico é determinada pela intenção de fazer com que o saber humano se mantenha afastado dos perigos da aparência e da ilusão dos instintos. Assim como a metafísica, a ciência sob a ótica da vontade de verdade se vê limitada a princípios regulamentadores – neste sentido nem mesmo a ciência escaparia aos valores morais e metafísicos, pois se encontrariam atrelados à utilidade de manter a ilusão de segurança no que concerne a conservação da espécie. O grande erro da convicção científica estaria ligado ao *status* de valor maior da verdade, pois para o filósofo é necessário que a ciência se perfaça afastada de valores absolutos. A contradição da ciência consiste

no fato de que suas convicções se justificam no tocante a intenção de verificar seus resultados livres de valores morais; afirmando tais discursos, os métodos científicos estariam calcados em somente partes específicas da realidade. No entanto, eles se perdem na medida em que ao efetuar seus experimentos pautados na busca pela verdade instituem valores universais que, assim, tendem a regulamentar a própria liberdade de se fazer ciência, pois efetuariam um procedimento de definição de uma visão totalizante do mundo e da realidade regida pelo valor superior da verdade.¹⁸

Em suma, a ciência atrelada à vontade de verdade tentaria explicar o mundo tendo como base de suas estruturas epistemológicas o valor superior e universal da verdade. Assim, tal qual a metafísica, o caráter científico do conhecimento não estaria liberto dos pressupostos de uma divisão suprassensível da realidade, colocando em xeque a afirmação da vida e a associação dos impulsos do homem para aquilo que se pretende conhecer. Pois o mundo tal como nos aparece não segue qualquer tipo de princípio, ao inexistir moral metafísica para o âmbito natural. Tal perspectiva, como foi colocada, se realizou na medida em que o homem definiu seu *status* de regulamentação para a vida. Conservando a espécie dentro do âmbito de uma realidade na qual não se pode ter controle, também a ciência aparece como fundamento de utilidade para atribuir ao homem uma ilusória e estável crença de segurança perante a vida, mas que para o filósofo poderia trazer ao mesmo tempo uma vontade de morte.

Vontade de verdade – isso poderia esconder uma vontade de morte – De modo que a pergunta “por que a ciência?” se reduz ao problema moral: “ Por que, no fundo, a moral”, se a vida, a natureza, a história são “imorais”? Sem dúvida alguma, o verídico, no sentido mais ousado e mais extremo, como pressupõe a fé na ciência, afirma assim outro mundo do que aquele da vida, da natureza e da história; e, enquanto afirma esse outro mundo – como? Não é preciso, por isso mesmo, negar seu antípoda, esse mundo, nosso mundo? (NIETZSCHE, 2007, § 344, p. 198)

No trecho acima citado, Nietzsche afirma que tal qual a metafísica e os fundamentos que estabelecem a religião (mais especificamente o cristianismo), a ciência também se mostra insuficiente para romper com a moral de rebanho, na medida em que se mostra como fonte de negação da vida e do mundo enquanto tal. Tendo como pressuposto a vontade de verdade, a ciência instauraria nada mais que uma refinada concepção de moral calcada no valor absoluto do conceito de verdade. Trazendo consigo a ambição de definir as partes da realidade, ela carrega

18 Como afirma Roberto Machado referente à questão da verdade: “A novidade e a importância do projeto nietzschiano em todas as fases de sua realização é a crítica, não dos maus usos do conhecimento, mas do próprio ideal de verdade; é a questão, não da verdade ou falsidade de um conhecimento, mas do valor que se atribui à verdade, ou da verdade como valor superior; é a negação da prevalência da verdade sobre a falsidade.” (MACHADO, Roberto Cabral de Melo. *Nietzsche e a Verdade* – 2ª ed.- Rio de Janeiro: Rocco, 1985, p.57).

um conceito geral que introduz a possibilidade de universalização do que se pretenderia verificar apenas uma parte do todo.

Neste sentido, Nietzsche em seu empreendimento de afastar os elementos metafísicos do âmbito de sua filosofia rompe definitivamente com o caráter científico do conhecimento, oriundo do método mecanicista estabelecido na modernidade. Apresentando n' *A Gaia Ciência* um novo método epistemológico conferido a aproximação de ciência e arte, calcadas no elo creditado à aceitação do desenvolvimento de um jogo artístico, ele se serve do elogio à aparência inerente a existência do homem ante o mundo. Assim, entrevemos que sua estratégia de crítica aos valores superiores tradicionais estaria consolidada, proporcionando uma abertura ao o que viria se efetivar como “ciência”, ou mais especificamente uma filosofia trágica, em sua obra posterior: *Zaratustra*.

REFERÊNCIAS

- BENVENHO, Célia Machado. *O Trágico como afirmação da vida*. Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche – 2º semestre de 2008 – Vol. 1 – Nº 2 – pp. 18-36.
- CALOMENI, Tereza Cristina B. *Breves notas sobre a crítica nietzschiana da consciência e da linguagem*. CADERNOS NIETZSCHE nº 28, UNIFESP, 2011.
- GALVÃO, Túlio Madson de Oliveira. *Para além da ciência: por uma gaia ciência* – Natal, 2012. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Programa de Pós-Graduação em Filosofia – PPGFIL, 2012.
- HARA, Tony. *Dançar no dorso das ondas: Nietzsche e a arte de viver*. VERVE, nº18: p.119-139, 2010. Revista do NU-SOL – Núcleo de Sociabilidade Libertária do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP.
- LEFRANC, Jean. *Compreender Nietzsche*; tradução Lúcia M. Endli Orth. 3.ed – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- MACHADO, Roberto Cabral de Melo. *Nietzsche e a Verdade* – 2ª ed.- Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
- _____. *Zaratustra, tragédia nietzschiana* – 3ª ed.- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- _____. *O nascimento do trágico: de Schiller a Nietzsche* - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- MELO, Danilo Augusto Santos. *Subjetividade e perspectivismo: a dissolução do sujeito metafísico a partir de uma lógica das relações em Nietzsche*. Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche – 1º semestre de 2011 – Vol. 4 – Nº 1 – pp. 25-36.
- MENDONÇA, de Ferreira Adriany. *De Humano demasiado Humano à Gaia Ciência: Nietzsche e sua declaração de guerra à metafísica*. Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche. 1 semestre de 2012 – Vol. 5, nº 1, pp. 01-17.
- MÜLLER, Lauter Wolfgang. *A doutrina da vontade de poder em Nietzsche*, Introdução: Oswald Giacoia. São Paulo: Annablume. 1997. (coleção E:6).
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *La Gaya Cencia* – la ed. La reimp. – Buenos Aires: Gradifco, 2007
- OLIVEIRA, Jelson. *Para uma ética da amizade em Friedrich Nietzsche*. Rio de Janeiro: